

No tempo do coração

Em contraste, alguns indivíduos experienciam a paternidade tardia. É o caso de Marcelo Guimarães de Souza, que está prestes a completar 55 anos. O seu primogênito, Daniel, hoje tem 27 anos, enquanto Maria Valentina, 5 anos, chegou mais de duas décadas depois para trazer ainda mais alegria para a família. “É muito gratificante ter uma criança em casa com essa idade. Mesmo eu já tendo filho, ser pai aos 50 anos trouxe novos desafios, pois são outros tempos, outra época para educar”, descreve.

A segunda filha era um grande desejo de Marcelo, que se casou aos 40 anos. No entanto, foram necessários nove anos de tentativas para que Maria Valentina fosse concebida. Os problemas e as frustrações com os tratamentos quase fizeram o casal desistir da gravidez. A descoberta, então, foi uma explosão de alegria, que veio acompanhada da preocupação com a evolução do bebê, mas tudo seguiu extremamente bem e, além da gratidão, vieram os planos para preparar a pequena para o mundo.

Ciente dos desafios atuais, especialmente com o fácil acesso às informações, Marcelo afirma que a maior preocupação é orientar e oferecer uma educação familiar de qualidade, com princípios e valores. Mesmo com as responsabilidades, a necessidade de ter paciência e com um ritmo bem mais desacelerado do que na juventude, ele reconhece que a maturidade está bem mais presente na paternidade tardia do que na primeira experiência.

No entanto, a felicidade de ter uma criança em casa o faz se sentir tão vivo que, enquanto está brincando com a filha, sente como se fosse uma criança também. “Brincamos de boneca, de esconder, ela me maquia, passa batom, passa esmalte. A gente é muito colado, então é gratificante”, celebra Marcelo.

Além dos rótulos

A sociedade ainda carrega uma série de estigmas e estereótipos de gênero que dificultam a vivência plena da parentalidade por homens. A psicóloga Andréa Pepino ressalta que a população como um



Maria Valentina chegou para completar a família de Marcelo Guimarães 22 anos após o nascimento do filho primogênito, Daniel

todo ainda é muito machista, então poucos espaços institucionais reconhecem ou incentivam a paternidade ativa. “A maioria dos serviços ainda é centrada na figura materna, o que reforça a exclusão simbólica dos homens no universo do cuidado, reforçando os pré-conceitos”, destaca.

O psicólogo Paulo Henrique Souza acrescenta que a paternidade é uma função que não possui manual e que a ideia cronológica também não necessariamente indica uma equivalência. “Todo pai, do novo ao envelhecido,

precisará rever suas expectativas diante do nascimento de um filho e precisará de alguma maneira alçar estratégias de cuidado com essa criança que vem com uma série de especificidades”, destaca.

Com isso, segundo a especialista Andréa Pepino, desconstruir esses estigmas é essencial para promover a equidade parental e permitir que os homens exerçam um papel de protagonismo na criação dos herdeiros. “É preciso reconhecer que homens também amam, cuidam, educam e sofrem por seus filhos.”